2

Sobre a conceituação de “crítica de tradução (literária)”

Quem se propõe a estudar a crítica de tradução se depara com conceitos e classificações complexas. Complexidade da qual nenhum dos termos do sintagma “crítica de tradução” escapa.

A própria tradução não se permite definir, como bem demonstra Umberto Eco:

O que quer dizer traduzir? A primeira e consoladora resposta gostaria de ser: dizer a mesma coisa em outra língua. Só que, em primeiro lugar, temos muitos problemas para estabelecer o que significa “dizer a mesma coisa” e não sabemos bem o que isso significa (...). Em segundo lugar, porque, diante de um texto a ser traduzido, não sabemos também o que é a coisa. E, enfim, em certos casos é duvidoso até mesmo o que quer dizer *dizer* (2003, p.9).

Por isso, o termo “tradução” fará referência nesta dissertação a um texto escrito, fruto de um trabalho que verteu um original “de uma língua natural para outra” (Eco, 2003, p.25). Trata-se do tipo de tradução que é classificada por Roman Jakobson como “tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* [que] consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua” (2005, p.65).

A complexidade envolvida no entendimento de “tradução” “acaba por revelar também uma impossibilidade de conformar a crítica de tradução numa definição exata” (Silva, 2001, p.9). Por esse e outros motivos, o fato é que não há um padrão na terminologia utilizada pelos estudiosos da área. Faz-se, portanto, necessário, esclarecer o que aqui considerarei “crítica de tradução”. Dada a limitação do escopo deste trabalho, restrinjo-me a buscar tal esclarecimento em obras de referências gerais, entendendo que investigações mais profundas da polissemia do termo possam ser feitas nos estudos de alguns pensadores como Schlegel.

Inicialmente quero considerar o uso dos termos “avaliar” ou “criticar”⁴, por

⁴ Em inglês, os termos *evaluate* e *assess* são definidos exatamente do mesmo modo: “to judge or decide the amount, value, quality or importance of something” (Walter, 2005). Definição que lhes

serem ambos largamente utilizados pelos teóricos da área (ver Rónai, 1987; Arrojo, 1993; Reiss, 2000; House, 1981, 1997, 2001; Cardozo, 2004, 2007; Britto, 2007).

No *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, as definições de “avaliação” não remetem diretamente ao julgamento de uma obra de arte; já as do verbete “crítica” apresentam referências a esse tipo de atividade: a primeira definição afirma que a crítica é, “segundo a tradição, arte e habilidade de julgar a obra de um autor”, remetendo diretamente ao julgamento de um trabalho de criação. A segunda definição chama a atenção para o caráter objetivo da crítica, definindo-a como um “exame racional, indiferente a preconceitos, convenções ou dogmas, tendo em vista algum juízo de valor” (2002). A terceira definição afirma que a “crítica” é a “atividade de **examinar e avaliar** minuciosamente tanto uma produção artística ou científica quanto um costume, um comportamento; análise, apreciação, exame, julgamento, juízo” (Houaiss, 2002, grifo meu). A análise e exame, entendidos como parte do processo de crítica, evocam a necessidade de um método e de critérios que lhe sirvam de parâmetros.

Há, no mesmo dicionário, duas definições que se referem a “crítica” como texto que é produzido pelo crítico: a quarta, na qual se lê que a crítica é um “escrito ou gravação resultante dessa atividade teórica, ideológica e/ou estética; **coluna**”, em que a presença da palavra “coluna” evoca a prática de publicação periódica dessas críticas por jornais e/ou revistas; e a sétima, que situa esse tipo de produção textual como um “gênero literário proveniente de tal atividade” (Houaiss, 2002, grifo meu).

Essa pequena análise parece demonstrar que, dos usos que lhes são reconhecidos pelo dicionário, o termo “crítica” é mais específico do que “avaliação” no que se refere ao julgamento de uma produção textual como o são as traduções. Desse modo, mesmo não descartando a adequação do uso de “avaliação”, acredito que o termo “crítica” seja o mais adequado para designar a prática de análise, exame e julgamento da qualidade de traduções.

confere um uso mais amplo. Já o termo *criticism* apresenta duas acepções: a primeira, “when you say that something or someone is bad; disapproval”; e a segunda, “when you give your opinion or judgment about the good or bad qualities of something or someone, especially books, films, etc”. Há também o termo *critique*, definido como “a report of something such as a political situation or system or a person's work or ideas, which examines it and provides an often negative judgment”, aparecendo aqui o caráter negativo normalmente associado a essa atividade.

Outra análise terminológico-conceitual importante envolve os usos dos termos “crítica” e “resenha”. Para se referirem aos artigos publicados em periódicos, cujo principal interesse é discutir e apresentar ponderações sobre a qualidade da tradução de determinada obra literária, os termos “crítica” e “resenha” são usados indiscriminadamente por vários teóricos (ver, por exemplo, Arrojo, 1993; Reiss, 2000; House, 1981, 1997, 2001; Cardozo, 2004, 2007).

Para fins desta pesquisa, é mais esclarecedora a distinção entre crítica (*criticism*) e resenha (*reviewing*) apresentada pela *Routledge encyclopedia of Translation Studies*. Os verbetes nela apresentados indicam que esses dois tipos de texto “são práticas avaliativas que oferecem reações distintas, mas inseparáveis às traduções literárias publicadas”; no entanto, ressaltam que o “resenhista alerta o leitor para livros novos, descrevendo-os e julgando se vale a pena lê-los e comprá-los”, enquanto “o crítico trata de livros que podem ou não ser novos, analisando-os em detalhe e normalmente pressupondo que o leitor já conheça as referidas obras” (Mayer, 2000, p.205).

Essa distinção parece ser percebida por Lia Wyler ao afirmar que “apenas alguns jornais e revistas publicam com certa frequência ‘crítica’ de traduções. O que lemos em geral são resenhas de traduções que visam dar ao leitor alguma identificação sobre o teor dos últimos lançamentos” (2003, p.200).

Tanto nas definições da enciclopédia quanto no comentário da tradutora é possível perceber que a crítica exige uma análise mais fundamentada do trabalho de tradução.

Além das distinções entre “crítica” e “avaliação”, e entre “crítica” e “resenha”, ainda há um terceiro par a ser considerado: “tradução literária” e “tradução técnica”. Na verdade essa categorização é resultante de uma tradicional tipologia **textual** que se pauta em uma distinção entre “texto literário”, que teria um caráter artístico e conotativo; e “texto técnico”, de caráter científico e denotativo. O interessante, segundo Monteiro, seria uma distinção que levasse em conta uma linguagem que poderia ser caracterizada como literária e outra como técnica, e essas linguagens não se distinguiriam por uma diferença estanque, absoluta, mas sim por diferentes graus de poeticidade por um lado e tecnicidade por outro, em uma escala de gradação (1999, p.8).

Por ser amplamente utilizada por tradutores, editoras e estudiosos da área⁵, é interessante discuti-la porque, qualquer que seja a tipologia de tradução que se adote, ela “visa prescrever regras de tradução que, além de definirem uma metodologia universal e objetiva para os processos tradutórios, também se encontrem intimamente ligadas à questão da avaliação das traduções” (Monteiro, 1999, p.7). Para Lawrence Venuti (1995b, p.41), a principal consequência parece ser a atitude tradutória que poderá ser assumida pelo tradutor. Para ele, nas traduções entendidas como técnicas — traduções de textos científicos, legais, diplomáticos e comerciais — o tradutor é coagido pelas exigências de clareza e objetividade de uma comunicação precisa das informações. Por outro lado, nas traduções literárias — traduções de poesia e ficção, principalmente, mas que também incluem biografias, textos históricos e filosóficos, entre outros das ciências humanas — o tradutor poderá adotar diferentes posturas tradutórias, incluindo a possibilidade de adaptações livres do texto do autor.

Na tradução técnica, “todos acham que só traduz bem quem conhece o assunto, quem domina a sua terminologia” (Benedetti, 2003, p.19), fazendo com que “a tradução técnica [seja] o verdadeiro reino do substantivo: listas e listas deles, preciosos nomes das coisas vindas de terras estranhas” (Benedetti, 2003, p.19). A tradução literária, por outro lado, verte textos que valorizam “os aspectos estético-estilísticos, de modo que a importância atribuída à linguagem empregada pelo autor é comparável à importância dada ao conteúdo do texto” (Aubert *apud* Camargo, 2000, p.46).

Para Paes, há uma “pragmática da tradução técnica” que apresenta uma tendência para o literal, que pode ser percebida na frequência de decalques que são feitos do vocabulário especializado frequente nesse tipo de texto. Para ele, na linguagem técnica, “as ambiguidades e imprecisões devem ser evitadas a qualquer preço” (Paes, 1990, p.114).

Não surpreende então que de um modo geral se assumam que “a abordagem a um texto técnico traduzido ou a um texto literário varia consideravelmente” (Rodríguez, 2004, p.47), variando conseqüentemente a forma de avaliá-las.

⁵ Por exemplo, o livro *Conversa com tradutores* (Benedetti & Sobral [orgs.], 2005), bem como as várias entrevistas com tradutores apresentadas nos diversos números da *Cadernos de Tradução* da Universidade de Santa Catarina adotam essa divisão para classificar os tradutores a partir do tipo de texto que traduzem.

Quanto a isso, Kirsch (2002, p.32) observa que “o objetivo da tradução de um texto literário, um texto onde há predominância do significante, não deve ser apenas transmitir o sentido, a mensagem do original”. Para Berman, um texto técnico visa transmitir de forma relativamente unívoca uma certa quantidade de informações; mas uma obra literária não transmite nenhum tipo de informação; ainda que contenha algumas, a sua característica principal é abrir “à experiência de um mundo” (2007, p.64).

Para Cardozo, a crítica de tradução literária “se constitui justamente a partir do cruzamento e da tentativa de colocar em diálogo os espaços de reflexão sobre a crítica, tradução e literatura”, não devendo, portanto,

ser entendida como uma crítica de tradução que ignore as relações que instauram no objeto de análise o estatuto de texto literário, nem como uma crítica literária que cale as relações tradutórias do objeto em foco, mas sim, como uma prática crítica que procura firmar um compromisso entre as diferentes dimensões comunicativas do objeto de uma crítica de tradução literária (2007, p.208).

A crítica de tradução literária não se confunde também com a crítica literária do texto traduzido. Normalmente, o crítico literário “sequer se dá ao trabalho de mencionar que a obra foi traduzida” (Alfarano, 2003, p.43) e “em geral só aponta erros pontuais e não quer, ou não tem capacidade para fazer uma análise mais ampla e mais profunda, que aponte problemas verdadeiros e méritos reais” da tradução (Laranjeira, 2003, p.123). Além disso, segundo Paes (1990), a quantidade de críticas negativas publicadas deve-se a uma “objeção prejudicial”⁶, ou seja, a uma atitude negativa ou desdenhosa em relação àquilo que se propõe analisar e julgar, pois tem a tradução como algo impossível.

Mesmo ainda vigente e predominante, a distinção entre técnico e literário vem sendo problematizada. Em trabalhos acadêmicos que tratam especificamente dessa questão e em cursos de formação de tradutores, já se pode encontrar, mesmo que com frequência menor, diferentes distinções, como: tradução literária e tradução técnico-científica; tradução de ficção e tradução não ficcional (ou de não ficção); e ainda, tradução literária e não literária. Entretanto, ainda não se conseguiu fugir da polaridade da classificação textual.

⁶ “Objeção prejudicial [...] é uma expressão cunhada pelo tradutólogo francês J.R. Ladmiral para designar um tipo de postura em face da tradução que a tem por teoricamente impossível” (Paes, 1990, p.111).

Cabe observar que a crítica de traduções assume diferentes formatos não só de acordo com as distinções comentadas, mas também em função dos seus objetivos, estes quase sempre influenciados pelo contexto de sua produção. No âmbito do leque de críticas que venho estudando, percebo três tipos principais de contextos em que são produzidas: os quais, na falta de nomes melhores, proponho chamar de contexto editorial, contexto acadêmico e contexto jornalístico.

No processo de editoração da obra traduzida, há etapas em que a tradução é “criticada” por copidesques, revisores e muitas vezes por editores. Para Paes (1990, p.111), essa é “uma forma bastante útil de crítica”, pois se realiza antes da entrega da tradução aos leitores.

Em situações acadêmicas, “o texto traduzido (TT) pode ser avaliado por especialistas como tradutores profissionais, professores de língua ou tradução e outros” (Rothe-Neves, 2002, p.114), em um processo crítico que busca aferir a qualidade das traduções realizadas por estudantes, por exemplo, em seus cursos de línguas ou nos cursos de formação de tradutores. Mesmo sabendo que o uso de tradução como método de ensino de língua estrangeira está cada vez mais reduzido, lembremos a caracterização de Paes (1990) das “versões escolares”, que por estarem a serviço do ensino e da aprendizagem de idiomas estrangeiros, buscam uma disposição gráfica justalinear (em que se alterna linha a linha o texto da língua-fonte com o da língua-alvo) de modo que os paralelismos lexicais e sintáticos entre os idiomas sejam destacados. Desse modo, segundo esse autor, não se deve estranhar que o seu ideal seja o de “uma tradução por assim dizer literal, palavra-por-palavra” (Paes, 1990, p.112), que faz com que o método esbarre facilmente nas especificidades de cada língua, que não são totalmente análogas em suas relações.

Além disso, no âmbito acadêmico, a crítica de traduções tanto é apresentada em formato de artigo acadêmico, que se dedica a criticar traduções em minúcia, em geral a partir de um referencial teórico, quanto pode ser objeto de investigação e discussão (como é o caso da presente dissertação).

As críticas que são produzidas em um contexto jornalístico normalmente não têm “como sujeito dessa prática um profissional especializado na área e voltado exclusivamente para tal atividade” (Cardozo, 2007, p.214). Esses profissionais podem ser oriundos das áreas de Literatura, Filosofia e Artes Cênicas, entre outras. Nesse contexto, é difícil perceber os critérios e os

parâmetros usados para discutir a qualidade das traduções. Principalmente porque esse tipo de mídia impõe ao crítico uma limitação de espaço e tempo para a produção do texto final. Talvez por isso haja aí uma tendência para publicarem-se resenhas e não críticas de tradução literária. Além disso, os textos se destinam a um público variado e não apenas a profissionais e estudiosos da tradução.

Para Cardozo, as críticas de tradução publicadas em periódicos podem ser classificadas em autônomas e híbridas, de acordo com a atenção que dedicam aos aspectos que são próprios da tradução. Para ele, as críticas de tradução literária autônomas são aquelas em que o crítico reflete “não apenas periférica, mas centralmente sobre a tradução”; e as híbridas seriam aquelas em que teríamos essa “prática integrada ao corpo de outras práticas, como a resenha crítica, por exemplo” (2007, p.214). As críticas elaboradas por Agenor Soares de Moura se constituiriam como autônomas, já que tratam unicamente de questões relacionadas às traduções.

Feitas essas considerações, pode-se, de modo resumido, afirmar que nesta dissertação o *corpus* de pesquisa é composto por críticas de traduções literárias híbridas cujo objetivo, segundo o próprio crítico, consiste não só em fazer a crítica das traduções, como também estimular o leitor a procurar aquele autor, aquela obra (Perissé, 2009, por e-mail). Críticas que são escritas por um professor da área de Literatura e Educação; que são publicadas em um periódico de caráter especializado, mas não acadêmico, com periodicidade mensal; e que se apresentam em uma média de três páginas, nas quais divide espaço com ilustrações.

Mas, como um posicionamento em relação à qualidade das traduções não é tarefa fácil, já que são várias as perspectivas que permitem situar a qualidade de uma dada tradução em diferentes pontos de uma escala de valor, passaremos no próximo capítulo a uma apresentação de alguns discursos teóricos que se posicionam quanto aos elementos que comporiam essa desejada qualidade.